

# APÓS 11 SETEMBRO 2001: OS ESTADOS UNIDOS HIPERPOTÊNCIA E AS ORIGENS DA CRISE ATUAL.

Arthur J. Almeida DINIZ\*

**Sumário:** 1. Prolegomenos da crise atual. 2. Os atentados de 11 de Setembro: o horror do terceiro milênio. 3. A doutrina norte-americana da segurança nacional. 4. Os princípios da política externa norte-americana. 5. Superioridade militar acima dos desafios. 6. A grande meta americana. 7. A guerra contra o Iraque cheira à petróleo.

## 1. Prolegomenos da crise atual

Foi exatamente no Afeganistão, com o apoio de dois Estados autoritários, a Arábia Saudita e o Paquistão, que Washington encorajou, durante a década de 70, a criação de brigadas islâmicas recrutadas no mundo árabe-muçulmano. Eram denominadas de *freedom fighters*, combatentes da liberdade! Nesta circunstância, todos sabemos, que a CIA contratou e formou o agora célebre Oussama Bin Laden.

Desde 1991 os Estados Unidos se instalaram na posição de hiperpotência única. Nesta época, durante a retirada das tropas iraquianas do Kuaite, teria sido fácil, aconselhável por ser infinitamente menos dispendioso em termos de vidas humanas, eliminar Saddam Hussein e sua quadrilha. Mas o governo de Bush pai, na miopia característica de seus conselheiros, achavam que ainda poderiam controlar o Iraque através do tirano humilhado. A tolerância dos EUA e da Comunidade Europeia

---

\* Doutor em Direito Internacional. Professor. Titular de Direito Internacional Público da Faculdade de Direito UFMG.

com os crimes de Saddam Hussein chega à cumplicidade. Saddam Hussein mergulhou seu país numa guerra cruelíssima contra o Irã, de 1980 a 1988, custando a vida de milhares de Iraquianos, destruindo a economia mais próspera da região. A cobertura norte-americana foi pródiga em armas de destruição, armas químicas, para eliminar a ameaça do Irã. Os americanos, rancorosos, amargavam a derrota de sua política com o Shah Reza Pahlevi e sua derrocada em 1979. Fecharam os olhos para o martírio dos Curdos - 180.000 curdos desapareceram numa operação de limpeza étnica, juntamente com a maioria chiita do sul do Iraque. Somente após 1990, quando o Iraque invadiu o Kwait, surgiram as condenações hipócritas.

A esse respeito convém lembrar um pouco de história recente, melhor dizendo, do anedotário real, embora absurdo. Bush pai recusou a acreditar nas informações que Saddam, seu bom aliado, estava para invadir o Kwait. Robert Baer, responsável pelas operações clandestinas no Oriente Médio, precisou gritar ao telefone-satélite de Kwait-city: *— Mas eu não estou louco! Os iraquianos já começaram a bombardear o Kwait! Eu estou vendo as tropas chegando!* - A resposta de Washington, segundo Bernard Thomas, do Canard Enchaîné, Paris, mercredi, 23 abril 2003, p. 7, foi lapidar! *Mas daqui não estamos vendo nada!* Nem o diretor da CIA, que estava de férias, foi prevenido. Ficou sabendo por uma amiga de sua esposa que lhe disse: *“Olha, não falaram nada com você?”* - Não, responde o chefe da CIA! *o que?* - *Bão*, responde a amiga da outra, *A invasão! Não se fala de outra coisa na CNN!*

Mais grave ainda, em 1994, na explosão da caminhonete na garagem do World Trade Center - que foi um ensaio geral para 11 de setembro 2001 - FBI e CIA passaram a se odiar. Neste mesma ocasião, FBI deu por acaso com uma montanha de documentos terroristas, mas, não pôde traduzi-los: só havia um único tradutor árabe.

Ninguém se ocupava de Bin Laden em 1994: cliente de dois bilhões de dólares dos bancos americanos ! Era aparentado com a família reinante na Arábia Saudita. Acabava de ser recrutado e armado pela CIA para lutar contra os Russos no Afeganistão. Nem republicanos nem democratas se interessavam em saber que em Ryad, tolerava-se um terrorismo de Estado em troca da estabilidade interior. Matando, torturando, mutilando até agora na Arábia Saudita, com o pleno conhecimento das autoridades americanas, muito ciosas dos direitos humanos, principalmente hoje, em Guatanamo. O high-society de Washington traficava com eles somas astronômicas: a bagatela de 150 bilhões de dólares misturados lá e em Washington. Qualquer investigação do temível IRS (o imposto de renda americano) era proibida terminantemente. Aliás, o rei Fahd pagou generosamente a conta da guerra do golfo, sem regatear. *“O lobby do petróleo é muito mais poderoso do que a própria CIA”* denunciava Robert Baer. E o mesmo chefe da espionagem chegou a contar que durante eleição presidencial de Bil Clinton tudo estava à venda. Uma entrevista com o Presidente, uma noite no quarto de Lincoln, abotoaduras. Robert Baer tentou denunciar essa traficância perante o Congresso. Foi aconselhado a fechar o bico. Na mesma noite, sua casa foi arrombada e todos os documentos foram levados pelos “ladrões”.

Robert Baer possui uma frase lapidar que define o poder no mundo inteiro, principalmente na América Latina: *“As pessoas não sabem que naqueles em que votam para defendê-las do crime, estão intimamente associados aos criminosos.* E um antigo ‘capo’ mafioso dos lobbies americanos pontificava: *“Quem nos prenderá? Quem nos deterá?”*

Agora, nesta guerra covarde, os americanos marginalizaram e humilharam as Nações Unidas. Tinham prometido instaurar uma “nova ordem internacional” mais justa. Sob este lema guerrearam o Iraque. Entretanto, segundo Ignacio Ramonet, permanecem escandalosamente parciais em favor de Israel contra os direitos dos palestinos.

Apesar dos protestos internacionais a expedição punitiva contra o Iraque causou milhares de mortes de civis inocentes, destroçando o frágil tecido social iraquiano, lançando o país à beira da guerra civil.

Todos estes fatos indignaram a opinião do mundo árabe-muçulmano e constituem o caldo de cultura propício a um terrorismo radicalmente antiamericano.

O jornalista Fareed Zakaria nos lembra que embora o Afeganistão tenha sofrido o fogo cerrado de tropas anglo-americanas, nem um só afegão até hoje esteve implicado em qualquer ataque terrorista aos Estados Unidos. O Afeganistão é um campo de batalha onde um exército árabe luta contra a América do Norte.

O antiamericanismo é um fenômeno relativamente recente. Nas décadas de 50 e 60, segundo F. Zakaria, era impensável que os Estados Unidos e o mundo árabe pudessem entrar em conflito. A América era vista como um país glamouroso. Inglaterra e França, segundo Mohamed Heikal, eram impérios odiados e decadentes. A União Soviética estava a 10.000 km. e a ideologia comunista era anátema para a religião muçulmana.

## **2. Os atentados de 11 de setembro: o horror no Terceiro Milênio**

Novo capítulo da História da Humanidade se iniciou em 11 de setembro de 2001 pela manhã, tendo por cenário Nova York, o World Trade Center e em Washington, o Pentágono.

Ainda que os culpados não tenham sido identificados com plena certeza, trata-se provavelmente de uma rede terrorista transnacional. Tendo sido monitorados pela verdadeira figura de bicho-papão Oussama Ben Laden ou por qualquer outro responsável, torna-se imperioso examinar as consequências globais para os países árabe-muçulmanos e para o mundo. Para Hicham Ben Abdallah El Alaoui, primo do Rei do Marrocos, Mohammed VI e professor em Princeton, mesmo que o Ocidente tenha

sua parte de culpa nessa agressão, no Oriente Médio, existe o aumento de tensões também criadas por um islão social e politicamente totalitário. É organizado em grupos armados que promovem a interpretação unilateral dos textos sagrados. A maioria dos muçulmanos, no mundo inteiro, deseja viver sua religião em paz, junto com seus vizinhos de diferentes credos, sem a menor preocupação com o proselitismo. Mas o fundamentalismo detectado no mundo muçulmano não pertence somente ao mundo islâmico-oriental. Nos Estados Unidos existe uma corrente cristã fundamentalista, expressando-se em linguagem digna de Ben Laden. Um exemplo eloqüente. Dois tele-evangelistas influentes, Jerry Falwell e Pat Robertson, aliados declarados de George W. Bush, assim pregaram na televisão após os atentados de 11 de setembro de 2001:

*“Deus permitu aos inimigos da América de nos infligir o que provavelmente merecemos. São os pagãos, os aborteiros, feministas, os gays, as lésbicas e a ACLU (União Americana das Liberdades Civas) que, tentando secularizar a América, favoreceram este acontecimento! Eu acuso e aponto meu dedo para estes pecadores!”*

Steve C. Clemons da New American Foundation com sede em Washington é extremamente crítico das posições norte-americanas em relação ao conflito e às suas causas.

Em nome de suas reivindicações religiosas, de uma Grande Israel, os colonos judeus extremistas estão prontos para levar o mundo à guerra. O antídoto para tanto ódio é a necessidade de se instaurar de vez uma justiça social, revitalizar instituições políticas democráticas e relações internacionais respeitando a dignidade e a soberania de todas as nações.

Para Hicham El Alaoui, os atentados de 11 de setembro não estão ligados a nenhuma situação precisa. Estão inscritos numa estratégia ancorada numa convicção ideológico-religiosa. Demagógicamente tentam

provocar uma guerra global contra o “Ocidente”, onde o “mundo muçulmano” sairá vitorioso. Os atacantes tornaram difícil saber exatamente quem condenar ou revidar, na esperança de que as represálias cegas possam atizar a cólera de todo o mundo muçulmano.

Al-Quaeda é uma rede eficiente, bem disciplinada e oculta. Seus membros agem em meio à massa daqueles que partilham suas frustrações. Entretanto, o conflito pode escapar ao controle. Na expedição punitiva lançada contra o Afeganistão, o Paquistão está sendo desafiado por desavenças internas. Não é do interesse de ninguém vermos um regime do tipo Taliban ser instalado num país que possui a bomba atômica. Como reagirá a Índia? E a China? Como a Rússia procederá na Chechênia e no resto do Cáucaso?

Em futuro próximo, as comunidades muçulmanas dos Balkãs serão atingidas. O mesmo acontecerá com os quatro milhões de muçulmanos na França, mais de três milhões na Alemanha e na Inglaterra.

Como estratégia que responda a este desafio absolutamente inédito na história, será preciso que os Estados Unidos procedam a uma reavaliação de sua política vis-a-vis das sociedades árabes e muçulmanas. Em primeiro lugar é imprescindível aos Estados Unidos exigirem de Israel a desocupação dos territórios palestinos e aceitarem o direito dos Palestinos a um Estado palestino, independente, tendo Jerusalém por capital, cidade santa para todos os muçulmanos, judeus e cristãos.

Este reexame da política americana é condição indispensável nesta guerra de gênero novo. Invocar a paciência, prometendo resolver o problema palestino depois de resolver o do terrorismo não é mais sustentável. Esta carta foi muito usada durante a Guerra do Golfo e há dez anos se espera o resultado. Exatamente em função deste fato, desde agora, centenas de milhões de muçulmanos e numerosos europeus vão se situar imediatamente face às decisões americanas.

A violência foi mundializada. Conflitos, injustiça no lá longe batem à porta. Quem fala em política internacional fala em política local. A pobreza, a desigualdade, a repressão e a arrogância constituem problemas a serem resolvidos. Os estragos da mundialização neoliberal se fazem sentir tanto em Wall Street como nas aldeias da Ásia Central. Trata-se de problemas de segurança global. Ninguém tem o direito de errar. Walter Oppenheimer, jornalista do El País, em 14 de maio de 2003, escreve para o Globo (p. 26): O relatório anual do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, em Londres, prevê um aumento das ações terroristas a curto prazo, devido à invasão do Iraque. Isso fará com que os regimes árabes continuem priorizando a segurança e portanto, o autoritarismo, em prejuízo da democratização. Al Qaeda continua sendo o maior perigo para os EUA e o mundo. Está reconstituída e operando de outra maneira, mas é mais insidiosa e perigosa do que antes do 11 de setembro. Continua sendo uma potente organização terrorista internacional podendo levar gerações para ser desmantelada.” Estamos assistindo ao fracasso da restauração da ordem no Iraque. A guerra no Afeganistão não liquidou com Al Qaeda e destruiu ainda mais um país já desmantelado por décadas de invasões.

O jornalista conservador e sionista Thomas Friedman do New York Times declarou ser a guerra contra o Iraque uma guerra de escolha, não de necessidade. Os Estados Unidos não estavam obrigados a entrar em guerra contra o Iraque. Este país não agrediu os Estados Unidos, estava enfraquecido por uma década de embargo, não constituía nenhuma ameaça contra os vizinhos e, segundo os próprios chefes militares israelenses, não ameaçava Israel.

### **3. A doutrina norte-americana de segurança nacional.**

George W. Bush preparou essa guerra de agressão desde muito tempo. Sem dúvida alguma, apressou os planos no dia seguinte aos atentados de 11 de setembro de 2001. Além disso, a mensagem é clara, após os atentados:

não se ataca impunemente os EUA. Mensagem aos Estados que integram o eixo do mal. Mas esta guerra no Iraque foi também uma guerra de princípios, o que é significativo. Desenha os contornos da ordem pós-guerra fria e pós-11 de setembro 2001 que os EUA desejam.

#### 4. Os princípios da política externa norte-americana.

Primeiro princípio: **Atacar preventivamente:** o poder norte-americano, porque ele possui responsabilidades que não incumbem aos outros - escapa, assim, ao direito comum das nações. Não necessita da chancela da ONU - da legalidade internacional - para agir quando se sentir ameaçado. Pode se dar ao luxo de dispensar as regras do multilateralismo e do acordo dos aliados, trate-se da OTAN ou da União Européia. (Trechos do artigo de Alain Frachon *Les vraies raisons de George W. Bush* Le Monde. Sélection hebdomadaire. Samedi, 29 mars 2003, p. 1 e 11). Esta atitude foi resumida por Martin Wolf do Financial Times : “A Lei suprema é a segurança da república (norte-americana) e pouco importa, se de passagem, a busca de uma segurança absoluta pelos Estados Unidos chegue a fazer com que os outros vivam em insegurança absoluta” (Alain Frachon, p. 11 Le monde).

Segundo princípio: **Supremacia militar indisputada:** o poder americano - que é fundamentalmente benfazejo - impedirá a emergência de qualquer concorrente militar. Continuará sendo a potência militar dominante do planeta. Os EUA têm por objetivo prioritário não tolerar nenhum desafio nesse domínio. Estes princípios integram o documento estratégico publicado pelo governo Bush em setembro de 2002.

#### 5. Superioridade militar acima dos desafios

Mesmo em junho de 2002, George W. Bush declarou que a América detém e pretende conservar forças militares superiores aos desafios que possam ser encontrados. Tornará assim sem objetivo as corridas armamentistas do passado, limitando as rivalidades ao comércio e a outros domínios.

**O projeto de Bush enfrenta a realidade** (transcrito do artigo de Roula Khalaf e Guy Dinmore. Folha de S.Paulo Domingo, 18 maio 2003, p. A23):

“A doutrina norte-americana de segurança nacional colidiu com a realidade nesta semana no Oriente Médio. A declaração ingênua, senão malévola, de Bush se “um momento profundamente promissor” com relação à operação guerreira no Iraque, enfrenta dificuldades várias. O caos do pós-guerra no Iraque, intransigência no conflito árabe-israelense e os recentes ataques contra alvos ocidentais em Riad e Casablanca.”

## **6. A grande meta americana**

Em 9 de maio de 2003 Bush apresentou as diretrizes para a região do Oriente Médio - que chamou da grande meta americana. Enviou o secretário de Estado Colin Powell na primeira visita diplomática importante no Oriente Médio em mais de um ano.

Colin Powell topou com a resistência árabe no “roteiro para a paz”, o plano para a criação do Estado palestino e ouviu queixas de países árabes acusando os EUA de cumplicidade com Israel seu aliado. É bom lembrar-se de que na véspera da chegada de Colin Powell em Riad, terroristas supostamente integrantes da Al Qaeda atacaram condomínios majoritariamente habitados por ocidentais.

A administração norte-americana, além da derrubada de Saddam Hussein intensifica pressões sobre a Síria. Acusam-na de dar guarida a grupos terroristas que se opõem a Israel, segundo informações da espionagem israelense. No discurso da semana passada (11 de maio 2003), Bush expôs sua visão sobre um mundo árabe liberal, com a promessa de área de livre comércio EUA-Oriente Médio em dez anos. Seria nos moldes da ALCA?

A missão americana ainda é vista como uma tentativa neo-imperialista de controlar o petróleo, ao mesmo tempo enfraquecendo o mundo árabe e facilitando a imposição aos palestinos sem Estado de um acordo de inspiração israelense.

## **7. A guerra contra o Iraque cheira a petróleo.**

A opinião norte-americana não tem sido alertada pela imprensa da jogada do petróleo ser a mola mestra desta operação Oriente-Médio. Com os EUA traumatizados pelos atentados de 11 de setembro 2001, a administração americana se aproveita para chantagear a opinião pública e demolir o patrimônio democrático dos Estados Unidos. O presidente George W. Bush e seu vice Dick Cheney integram o lobby do petróleo. O Texas é o estado norte-americano onde os negócios petrolíferos são ligados ao cenário da geopolítica planetária. Existe a ameaça de um déficit no abastecimento do petróleo. A busca de soluções a longo prazo em matéria de abastecimento é preocupante. Os EUA constituem o maior consumidor de petróleo do planeta na razão direta de seu nível de vida constantemente elevado, necessidades de conforto pessoal e desperdício de uma energia cujo preço é ainda baixo e que ninguém ousa criticar. Para os americanos, uma elevação no imposto sobre carburantes ou endurecimento das normas de consumo para novos veículos ainda é impensável. O custo de utilização do automóvel deve permanecer baixo. Os transportes, grandes consumidores de combustível, aumentam a fatura cada vez mais. Representam 67% da fatura do consumo de combustível no país. Não é a toa que os americanos recusam o protocolo de Kyoto. Consomem 896 milhões de toneladas de petróleo por ano, 25,5% do consumo mundial. Tentando alimentar este monstro, o país extrai de seu sub-solo 361 milhões de toneladas. Mas este total produzido na América constitui apenas 10% da produção mundial. Enfrentam um déficit anual superando 500 milhões de toneladas. As reservas norte-americanas de petróleo constituem apenas 2,1% das reservas mundiais. Para não

dilapidar suas reservas e suprir a insuficiência de sua produção doméstica, os Estados Unidos devem buscar petróleo no mundo inteiro. Sua grande fonte de abastecimento é a Arábia Saudita. A segurança da Arábia Saudita é vital para os interesses das companhias petrolíferas.

Desde os atentados de 11 de setembro 2001, as relações com a Arábia Saudita vêm se deteriorando (artigo de Henri Madelin. *Études*. Paris: abril 2003, n. 3984, p. 443 e s.). O Sheique Ahmad Zaki Yamani, ex-ministro saudita do petróleo, prevê que a ofensiva contra o Iraque e a ocupação bem sucedida do país, permitirá acelerar a estratégia norte-americana de abastecimento planetário do ouro negro (*Le Monde* quinta-feira, 31 outubro, 2002). Não há conclusão. Sugiro uma reflexão em torno de duas datas: Em Hiroshima, a 6 de agosto de 1945, pela manhã, e em 9 de agosto de 1945, três dias após Hiroshima, caiu a segunda bomba atômica sobre Nagasaki. Os Estados Unidos anunciaram ao mundo que doravante eram a suprema potência militar. Em 11 de setembro de 2001, também pela manhã, viu-se que esta potência não é mais invulnerável, nem mesmo em seu próprio território.

### **Resumo:**

O Professor Titular de Direito Internacional da Faculdade de Direito da UFMG apresenta ao leitor uma análise dos antecedentes e do decorrer da crise atualmente vivida pelo mundo em decorrência dos conflitos regionais da posição hegemônica mantida pelos Estados Unidos e da proliferação do terrorismo como recurso posto em prática pelos povos combatidos.

Baseados nos mais importantes depoimentos, afirma que “novo capítulo da História da Humanidade se iniciou em 11 de Setembro de 2001 pela manhã, tendo por cenário Nova York, o World Trade Center e, em Washington, o Pentágono”.

Passa à análise da doutrina norte-americana da segurança nacional, dos princípios de política externa norte-americana, põe em destaque a superioridade militar dos Estados Unidos com base no projeto Bush e termina com a observação de que a opinião norte-americana não tem sido alertada pela imprensa para o fato de ser o petróleo a mola mestra da operação no Oriente Médio.

**Abstract:**

The Head Professor of International Law from UFMG Law School presents to the reader an analysis of the backgrounds and the course of the crisis presently experienced by the world due to regional conflicts of the hegemonic position sustained by the USA and the growth of terrorism as a resource employed by persecuted groups.

Based on the most important statements, the author asserts that “a new chapter of the History of Humankind has begun in the morning of September 11<sup>th</sup>, 2001 having as a setting, New York City, the World Trade Center and the Pentagon in Washington.

The author, then, advances to the analysis of North American national security doctrine and the principles of North American international politics, emphasizing the military superiority of the USA, based on Bush’s agenda and he finishes the essay with the observation that the public opinion in North America has not been warned by the press about the main issue of the operation in the Middle East: the petroleum.